

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS SERTÃO - UNIDADE SANTANA DO IPANEMA
GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS

Isabele Alencar Dôres

**EMPREENDEDORISMO COOPERATIVO: UMA ANÁLISE DOS AGRICULTORES
FAMILIARES DE SANTANA DO IPANEMA – AL.**

Santana do Ipanema
2019

ISABELE ALENCAR DÔRES

**EMPREENDEDORISMO COOPERATIVO: UMA ANÁLISE DOS AGRICULTORES
FAMILIARES DE SANTANA DO IPANEMA – AL.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do grau de Economista.

Orientador: Prof. M.e Hérmari Magalhães
Olivense do Carmo

Santana do Ipanema
2019

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas Biblioteca
Unidade Santana do Ipanema

Bibliotecária Responsável: Rafaela Lima de Araújo – CRB - 4 / 2058

D695e Dôres, Isabele Alencar.
Empreendedorismo cooperativo: uma análise dos agricultores familiares de Santana do Ipanema – AL / Isabele Alencar Dôres. - 2019.

49 f.: il.

Orientador: Hérmani Magalhães Olivense do Carmo.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Econômicas),
Universidade Federal de Alagoas. Unidade Santana do Ipanema. Curso de
Ciências econômicas, 2019.

Bibliografia: f. 45 –46.

Apêndice: f. 47 - 49.

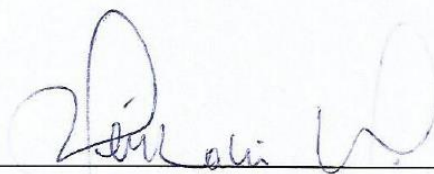
1. Agricultura familiar. 2. Cooperativismo. 4. Empreendedorismo cooperativo. 5.
Santana do Ipanema - Alagoas. I. Título.

CDU: 334.1+658.011.4

ISABELE ALENCAR DÔRES

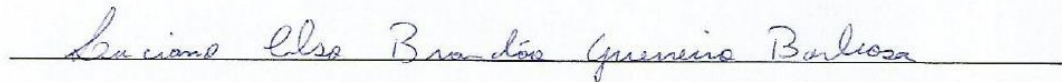
EMPREENDEDORISMO COOPERATIVO: UMA ANÁLISE DOS AGRICULTORES FAMILIARES DE SANTANA DO IPANEMA – AL.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do grau de Economista. Aprovado em 30 de maio de 2019.



Prof. M.e Hérmami Magalhães Olivense do Carmo, Universidade Federal de Alagoas
(Orientador)

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Luciano Celso Brandão Guerreiro Barbosa, Universidade Federal de Alagoas

(Examinador)



Prof. M.e Gileno Costa Pereira, Universidade Federal de Alagoas

(Examinador)

À minha pequena Aylla, minha menina.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado força, saúde e sabedoria necessária para enfrentar as dificuldades da vida.

Aos professores que fizeram parte de toda a minha trajetória e contribuíram significativamente para a formação que tenho hoje. A esta Universidade pela oportunidade que me foi dada, aos professores do curso de Ciências Econômicas que me dedicaram seu tempo e conhecimento (principalmente nos momentos em que não pude estar presente), em especial ao meu orientador Hérmani Magalhães Olivense do Carmo, por toda dedicação, paciência e atenção, e a banca examinadora, os professores Luciano Celso Brandão Guerreiro Barbosa e Girleno Costa Pereira.

Agradeço também a família que me foi dada, meus pais, irmãos, tios e tias, primos e primas, avós, por todo apoio e incentivo, em especial a Sinhara Alcântara Dôres e Carline Dôres Tavares pelo acolhimento no momento em que precisei, a Carlielson Dôres Tavares pela ajuda nos estudos. Ao meu querido avô, Manoel Capitulino Alencar, por ser um exemplo vivo de que a escrita nos mantém lúcidos. A família que me foi permitido formar, meu esposo e minha filha, que vem sendo por sua vez a minha inspiração diária.

Ao pessoal da COOPAFAS por terem me recebido tão bem, e por contribuírem significativamente para o sucesso desta pesquisa. Ao meu primo e chefe Juareis Dôres de Alencar Filho, pela colaboração e compreensão nos momentos em que precisei deixar o trabalho para me dedicar aos estudos.

Sou agradecida também aos meus amigos por toda dedicação, por estarem comigo nos momentos de tensão, me agüentarem e me ajudarem a ser um ser humano melhor. Em especial aos amigos que conquistei na universidade, as “Daniele’s” Alves e Araujo, Denise, Jhenifer, Leidiane, Yrlla Helyraizer e a nossa querida Elizete. A Frank Barreiros que foi colega de classe por muitos anos, inclusive nesta formação de ensino superior, por toda ajuda e amizade. As minhas amigas de muito tempo Ádla e Gessica, vocês foram e são essenciais em minha vida.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, e contribuíram para que eu me tornasse o que sou hoje, o meu muito obrigada.

RESUMO

O presente trabalho consiste em uma análise do empreendedorismo cooperativo a partir dos agricultores familiares de Santana do Ipanema, Alagoas. Embora existam poucos estudos relacionados ao tema, essa é uma temática de vital importância nos dias atuais, vide a sua contribuição como uma alternativa para a geração de emprego, renda, e diminuição da pobreza, especialmente em localidades do meio rural. Nessa pesquisa, busca-se analisar a apropriação, por parte dos integrantes da Cooperativa de Avicultores e Agricultores Familiares do Sertão Alagoano Ltda., dos benefícios do empreendedorismo cooperativo. Após um levantamento bibliográfico que permitiu identificar os indicadores, foi feita uma pesquisa de campo, mediante aplicação de questionário com 30 produtores. A abordagem metodológica utilizada foi quantitativa, e análise dos resultados mostrou que os entrevistados estão usufruindo dos benefícios gerados por intermédio do empreendimento cooperativo, mesmo que a maioria tenha pouco estudo, esse fator socioeconômico não é um impedimento. Por fim, esta pesquisa mostra que o tema abordado contribui para a diminuição da pobreza e conseqüentemente, para o desenvolvimento da localidade. Servindo também, como um incentivo para que outros pesquisadores colaborem com outras linhas de pensamento relacionado ao assunto, enriquecendo assim, o conteúdo acadêmico.

Palavras-chave: Agricultores Familiares; Cooperativismo; Empreendedorismo Cooperativo.

ABSTRACT

The present work consists of an analysis of cooperative entrepreneurship from the family farmers of Santana do Ipanema, Alagoas. Although there are few studies related to the topic, this is a topic of vital importance today, see its contribution as an alternative for employment generation, income, and poverty reduction, especially in rural areas. In this research, we seek to analyze the appropriation of the benefits of cooperative entrepreneurship by the members of the Cooperativa de Avicultores e Agricultores Familiares do Sertão Alagoano Ltda. After a bibliographic survey that allowed the identification of the indicators, a field survey was carried out, using a questionnaire with 30 producers. The methodological approach used was quantitative, and analysis of the results showed that the respondents are benefiting from the benefits generated through the cooperative enterprise, even though the majority has little study, this socioeconomic factor is not an impediment. Finally, this research shows that the topic addressed contributes to the reduction of poverty and, consequently, to the development of the locality. It also serves as an incentive for other researchers to collaborate with other lines of thought related to the subject, thus enriching the academic content.

Keywords: Cooperativism; Cooperative Entrepreneurship; Family Farmers.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Resultado dos questionários aplicados mediante o IABEC	31
Tabela 2: Distribuição dos produtores segundo o IABEC	32
Tabela 3: Média dos indicadores	34

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Escolaridade dos produtores em %	28
Gráfico 2: Gênero dos produtores em %	29
Gráfico 3: Faixa etária dos produtores em %	29
Gráfico 4: Estado civil dos produtores em %	30
Gráfico 5: Média do IABEC obtido pelos agricultores familiares	32
Gráfico 6: Média dos Indicadores do IABEC	35

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Matriz de características de empreendedor e empreendedorismo	17
Quadro 2: Indicadores de Benefícios do Empreendedorismo Cooperativo	25
Quadro 3: Formulas de cada indicador	26
Quadro 4: Índice X Faixa Etária (idade entre 21 e 30 anos)	36
Quadro 5: Índice X Faixa Etária (idade entre 31 e 40 anos)	37
Quadro 6: Índice X Faixa Etária (idade entre 41 e 50 anos)	37
Quadro 7: Índice X Faixa Etária (entre 51 e 60 anos)	38
Quadro 8: Índice X Faixa Etária (acima de 60 anos)	38
Quadro 9: Índice X Estado Civil (Solteiros)	38
Quadro 10: Índice X Estado Civil (Casados)	39
Quadro 11: Índice X Escolaridade (Fundamental Incompleto)	40
Quadro 12: Índice X Escolaridade (Fundamental Completo)	40
Quadro 13 : Índice X Escolaridade (Médio Incompleto)	41
Quadro 14: Índice X Escolaridade (Médio Completo)	41
Quadro 15: Índice X Escolaridade (Superior Incompleto)	41
Quadro 16: Índice X Escolaridade (Superior Completo)	42
Quadro 17: Índice X Gênero (Masculino)	42
Quadro 18: Índice X Gênero (Feminino)	43

LISTA SIGLAS

AL – Alagoas

COOPAFAS – Cooperativa de Avicultores e Agricultores Familiares do Sertão Alagoano Ltda.

IABEC – Índice de Apropriação dos Benefícios do Empreendedorismo Cooperativo

MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário

MEI - Micro Empreendedor Individual

ONU - Organização das Nações Unidas

PAA - Programa de Aquisição de Alimentos

PAF - Programa de Avicultura Familiar do Estado de Alagoas

PNAE - Programa Nacional de Alimentação Escolar

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SUMÁRIO

1 - Introdução	14
1.2 - Problemática	15
1.3. Hipótese	15
1.4. Objetivo Geral	15
1.4.1. Objetivos específicos.....	15
2 – Revisão da Literatura	16
2.1 – Surgimento e Evolução do Conceito de Empreendedorismo:	16
2.2 – Empreendedorismo Cooperativo:.....	18
2.3 – O cooperativismo e a agricultura familiar:	22
3 - Procedimentos Metodológicos	24
4 - Análise e discussão dos dados:	27
4.1- Perfil dos produtores:	28
4.2 - Análise dos Indicadores de Apropriação dos benefícios do Empreendedorismo Cooperativo (IABEC):	30
4.3 - Indicadores:.....	32
4.4 - Relações dos índices com os fatores socioeconômicos:	36
4.4.1 - Índice e Faixa etária:	36
4.4.2 - Índice e Estado Civil.....	38
4.4.3 - Índice e Escolaridade	39
4.4.4 - Índice e Gênero.....	42
5. Considerações Finais	43
REFERÊNCIAS	46
APÊNDICE A – Questionário.....	48

1 - Introdução

As cooperativas surgiram com a economia solidária, no início do capitalismo industrial, caracterizando-se por uma forma organizacional que promove a associação de pessoas com os mesmos interesses, com o objetivo de obter vantagens comuns em determinada atividade econômica. É uma maneira de não olhar apenas para o individual, mas para o coletivo, podendo agregar mais ideias, mais conhecimentos, e recursos, ao mesmo tempo em que divide as responsabilidades entre os membros.

O empreendedorismo vem se destacando como um importante impulsionador da economia de um país. O empreendedor tem como característica básica a criatividade e está sempre buscando novos caminhos, inovando e assumindo riscos. Dessa forma, o papel do empreendedor é identificar as oportunidades de investimento, buscando recursos para que possa se tornar em algo lucrativo.

A união desses dois elementos é representada no empreendedorismo cooperativo, algo pouco estudado até então. É definido pela Organização das Nações Unidas (2007), como uma forma de ajudar regiões pobres, principalmente à população do meio rural. Identificando os recursos disseminados, desenvolvendo a capacitação coletiva, e gerando renda para as famílias envolvidas, contribuindo assim, para a diminuição da pobreza e desenvolvimento da localidade.

O pressuposto oriundo de análises teóricas é de que quanto mais pessoas envolvidas em determinado projeto melhor ele pode vir a ser desenvolvido, pois, com a cooperação os atos de aprendizado e a negociação conjunta com clientes são aspectos repartidos, tratando-se de uma forma mais fácil de empreender, uma vez que os empreendedores cooperativos buscam melhorias para todo o grupo. Como afirmam Albagli e Maciel (2002, p. 01): “Os ambientes mais propícios ao empreendedorismo são aqueles em que ocorrem processos interativos e cooperativos de aprendizado e de inovação;”.

São muitos os estudos que tratam sob o aspecto econômico do empreendedorismo, no entanto, há necessidade de outras análises que tratem de perspectivas mais específicas, que unam pessoas na atividade empreendedora, caso do empreendedorismo cooperativo. Porém, por ser um tema recente, ao pesquisar no Google Acadêmico os conceitos que mais aparecem são o “empreendedorismo corporativo” e “empreendedorismo social”. Assim é necessário tratar desse tema num setor tão particular como o da agricultura e/ou da criação de

animais por pequenos produtores.

Em Santana do Ipanema, Alagoas, local desta pesquisa, é possível encontrar uma experiência que pode ser de empreendedorismo cooperativo. Alguns agricultores familiares do município fazem parte da Cooperativa de Avicultores e Agricultores Familiares do Sertão Alagoano Ltda. (COOPAFAS). Foi por meio do incentivo governamental com a distribuição de pintainhos para determinadas famílias que surgiu a associação dos avicultores, que depois se tornou uma cooperativa.

1.2 - Problemática

A literatura sobre empreendedorismo cooperativo não é clara sobre a forma como os produtores rurais se beneficiam quando estão ligados a uma cooperativa. Desta forma, surge a questão de pesquisa deste trabalho: os integrantes da cooperativa (COOPAFAS) estão se apropriando dos benefícios do empreendedorismo cooperativo?

1.3. Hipótese

A criação de um índice sobre apropriação dos benefícios do empreendedorismo cooperativo deve demonstrar que o empreendedorismo coletivo pode contribuir não só para o desenvolvimento individual, mas também para determinada comunidade representada formalmente em associações ou cooperativas, tendo em vista que os sujeitos envolvidos no empreendedorismo cooperativo trabalham em busca de melhorias para todo o grupo.

1.4. Objetivo Geral

- Analisar a apropriação, por parte dos integrantes da COOPAFAS, dos benefícios do empreendedorismo cooperativo.

1.4.1. Objetivos específicos

- Discutir a importância do empreendedorismo para a sociedade, dando destaque ao cooperativismo;
- Analisar os programas inclusos na COOPAFAS para beneficiamento dos cooperados;
- Identificar os indicadores que representam o Empreendedorismo Cooperativo;
- Criar um Índice de Apropriação dos Benefícios do Empreendedorismo Cooperativo.

2 – Revisão da Literatura

2.1 – Surgimento e Evolução do Conceito de Empreendedorismo:

Os conceitos de empreendedor e de empresa nasceram na França, durante o século XVIII. “Empreender representava, então, mobilizar meios para fins, de uma maneira distinta daquela tradicionalmente utilizada pela sociedade, ou seja, empreender implicava em renovar”. Neste contexto, em que as empresas com características capitalistas se estabelecem na França, surgiu à significação moderna: sistema de produção capitalista, estabelecimento de produção, estabelecimento industrial. (SOUZA, 2015, p. 136).

Vale (2014) ressaltou que o surgimento do conceito de empreendedorismo, assim como suas alterações, demonstram as transformações da sociedade e sua evolução, saindo de uma base de produção agrária para uma economia mercantil, da economia mercantil para uma sociedade industrial e, da sociedade industrial para o mundo contemporâneo.

Hozelitz (1951 *apud* VALE, 2014) observa que o termo empreendedor vem do francês “*entrepreneur*”, e significa aquele que está encarregado de uma obra, isto é, aquele que empreende alguma coisa. Kirzner (1979 *apud* VALE 2014) coloca o empreendedor no centro do processo de mercado. Para ele, empreendedor é aquele que está sempre em situação de alerta, pronto para identificar e disseminar novas oportunidades. Esta é, portanto, a principal característica dos empreendedores.

Vale (2014, p.879) destaca ainda que:

Para Marshall (1972), empreendedores seriam os responsáveis pelos processos de produção e distribuição de produtos e, também, os coordenadores da oferta e da demanda no mercado. Eram, também, de certa forma, capazes de gerar inovação e progresso à medida que, eventualmente, desbravavam novos caminhos.

Mas Schumpeter vai destoar bastante de Marshall, pois insere o empreendedor no centro das mudanças econômicas, tendo como função inovar, criar ou fazer coisas que já foram feitas de uma maneira diferente (VALE, 2014 p.8).

Quanto ao conceito de empreendedorismo, relata Dornelas (2008, p.22) que, “empreendedorismo é o envolvimento de pessoas e processos que, em conjunto, levam à transformação de ideias em oportunidades. E a perfeita implantação destas oportunidades leva à criação de negócios de sucesso”. Sendo assim, é evidente que o empreendedor tem o papel de gerar novos negócios assumindo riscos para assim gerar riqueza, emprego e renda.

A revisão da literatura sobre características associadas aos conceitos de indivíduo empreendedor e de empreendedorismo, com foco no desenvolvimento de pequenas empresas, realizada por Souza (2005), culminou em uma matriz dessas características, como pode ser observado no Quadro 1.

Quadro 1: Matriz de características de empreendedor e empreendedorismo.

Características	Autores															TOTAL	
	J. Schumpeter	D. McClelland	M. Weber	L. J. Flion	R. E. McDonald	R. Degen	P. Drucker	R. Lalkala	I. Dutra	Barros e Prates	H. Mintzberg	E. Angelo	Lognecker et al.	E. Leite	Carland et al.		Frese et al.
Buscar Oportunidades	X	X		X	X	X	X		X		X	X	X	X			11
Conhecimento do Mercado						X	X	X				X		X			5
Conhecimento do Produto						X	X	X				X		X			5
Correr Riscos	X	X		X	X	X	X				X	X		X	X		10
Criatividade		X		X		X		X	X	X		X		X	X		9
Iniciativa	X	X		X				X						X		X	6
Inovação	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	16
Liderança	X	X	X	X	X		X				X						7
Necessidade de Realização	X	X									X				X	X	5
Pró - Atividade	X	X		X											X	X	5
Visionário				X					X		X			X		X	5

Fonte: Souza, 2005.

Segundo Souza (2005), foram colocadas nessa matriz as características em comum aos autores estudados, podendo se estender a vários tipos de empreendedores, por exemplo:

- o que necessita iniciar um negócio para exercer seu ofício;
- o que se associa ao desenvolvimento ou comercialização de um novo produto ou processo inovador;
- o que estabelece, fomenta, compra empreendimento em resposta a uma oportunidade;
- o que é empregado ou inicia um negócio, motivado pela liberdade, independência, ou outros valores que um empreendimento torna possível; e

– o que se torna empreendedor por necessidade, representado pela pessoa que desenvolve atividades, geralmente de natureza informal, por não encontrar melhores opções de trabalho no mercado formal.

Considerando o atual contexto de incertezas e desafios, o desenvolvimento e até mesmo a sobrevivência das empresas dependem, em grande parte da formação/capacitação de seus atores, voltada não só para conhecimentos e habilidades de natureza técnica e gerencial, mas, também, para a criatividade, a auto-realização, e a inovação o que expressa aspectos fundamentais do empreendedorismo (SOUZA, 2005).

O empreendedorismo é caracterizado em vários tipos, os mais comuns no Brasil são: i) o social - caracterizado por trabalho em equipe e intuito de mudar o mundo; ii) o corporativo - funcionários que empreendem novos projetos na empresa em que trabalham; iii) o individual - geralmente trabalha sozinho, formalizado como MEI (Micro empreendedor individual) e está ligado à necessidade de sobrevivência; iv) o informal - não tem visão de longo prazo, pensa na sobrevivência; e v) o cooperativo (que é o foco desta pesquisa) – é relacionado a cooperativas, onde o trabalho em equipe é primordial (ZUINI, 2014).

Segundo a percepção dos economistas, o empreendedor é um elo essencial ao processo de desenvolvimento econômico. Os modelos econômicos estão levando em conta os sistemas de valores da sociedade, em que são fundamentais os comportamentos individuais dos empreendedores. (BAGGIO e BAGGIO, 2015).

Segundo Fontenele (2010 *apud* VERGA e SILVA 2014), apesar do empreendedorismo ter passado um tempo esquecido na teoria do crescimento econômico, sua atuação foi indispensável para o progresso econômico, principalmente com as contribuições de Schumpeter em 1934 e as de Kirzner em 1973. As contribuições de Schumpeter destacam o papel do empreendedor, “apresentando-o como o promotor do desenvolvimento econômico, graças à sua função de inovador e a sua capacidade de realizar novas combinações com os recursos produtivos e com o noção da destruição criativa” (VERGA e SILVA, 2014, p. 12).

2.2 – Empreendedorismo Cooperativo:

De acordo com Zucatto e Silva (2014, p.5), “o empreendedorismo cooperativo implica na consignação de cooperativas, uma vez que sem perder autonomia, os

indivíduos decidem de maneira coletiva sobre o rumo dos negócios”. O compromisso de trabalhar democraticamente, partilhando os riscos e recompensas com todos os membros, tendo em vista os princípios cooperativos e entendendo como a cooperação agrega valor ao negócio, são algumas características básicas do empreendedor cooperativo.

Zucatto (2015, p.87) explica que muitas vezes é utilizado o mesmo conceito para explicar o empreendedorismo social, o coletivo e o cooperativo:

Um exemplo disto é a perspectiva de Filion (2000), para quem o movimento cooperativo pode dar expressivas contribuições para o empreendedorismo, uma vez que este seja ligado a sujeitos e a lógica cooperativa é uma forma de empreendedorismo coletivo, isto é, uma maneira de evidenciar o fenômeno do empreendedorismo a partir de um grupo e, mais que isto, um grupo comprometido.

Para Shane e Hoy (1996 *apud* ZUCATTO 2015), os estudiosos ainda não se aprofundaram suficiente no modo como os empreendedores gerenciam seus negócios em ambiente de cooperação. Mesmo que esse processo de cooperação organizacional seja fundamental para o empreendedorismo, ainda são poucos os estudos.

Segundo o que propõem Skurnik e Vihriälä (1999 *apud* ZUCATTO 2015, p.89):

Um dos pressupostos do empreendedorismo cooperativo é o comprometimento, caracterizado como um conceito que articula, e congrega, aspectos sociais e econômicos para a constituição de empresas cooperativas. Na visão destes autores, isto é consequência de que, no final do século XIX, a criação de organizações cooperativas era motivada, nomeadamente, por questões ideológicas, uma vez que a lógica do capitalismo, sob o ponto de vista social e econômico, era considerada deficiente para dar conta das demandas dos empobrecidos. Assim, os pioneiros do cooperativismo viam, na organização cooperativa, a forma organizacional alternativa para a solução de problemas sociais econômicos, especialmente àqueles causados pelo capitalismo.

Bijman e Doorneweert (2008 *apud* ZUCATTO 2015) defendem que o empreendedorismo cooperativo é um fato que incide em dois níveis: do associado, e da organização cooperativa. Nesta percepção, os ativos da empresa cooperativa, que são de direito dos cooperados, e também os ativos das propriedades individuais, deveriam estar alinhados e se tornariam interdependentes. Implicando na idéia de que melhores resultados serão obtidos quando a decisão do associado a respeito das atividades e/ou investimentos em sua propriedade, ou negócios, convergir com as decisões de todo o grupo acerca das atividades e investimentos da organização cooperativa.

Para Vanderlei e Gil (2006 *apud* ZUCATTO 2015, p.90):

O empreendedorismo cooperativo é a base indispensável para que possam emergir, entre os mais pobres, energias produtivas, cujas oportunidades de aproveitamento são socialmente bloqueadas pelas estruturas sociais em que vivem. [...] Quando se trata de Empreendedorismo cooperativo, de inovações organizacionais que alteram a estrutura de determinados mercados e as coalizões predominantes em certos territórios, a contribuição da agricultura familiar brasileira, nos últimos anos, tem sido especialmente significativa.

Seguindo essa mesma linha de pensamento, a ONU (2007 *apud* ZUCATTO e SILVA, 2014), caracteriza o empreendedorismo cooperativo como uma atitude de ajudar regiões carentes, principalmente à população do meio rural. Identificando os recursos disseminados e desenvolvendo a capacitação coletiva, sendo possível assim, gerar renda para as famílias envolvidas, conseqüentemente, contribuindo para a diminuição da pobreza e para o desenvolvimento da localidade.

Gijselinckx e Van Opstal (2008 *apud* ZUCATTO 2015, p.91), evidenciam a importância dessas organizações, essencialmente necessárias no alcance de sucessos que os indivíduos individualmente não conseguiriam obter:

O empreendedorismo cooperativo é a maneira de fazer negócios que organizações econômicas, voluntariamente constituídas e com o objetivo de alcançar benefícios comuns praticam, uma vez que esses benefícios, particularmente, seriam difíceis de serem alcançados pelos membros da organização.

Já para Clamp e Alhamis (2010 *apud* ZUCATTO 2015), o empreendedorismo cooperativo vem a ser uma variante do empreendedorismo social (isso talvez explicasse a escassez de estudos sobre o tema). Pela maneira como ocorre a entre ajuda econômica para atender todos os membros da cooperativa, até mesmo suprindo as demandas que os Estado não consegue atender.

Na tentativa de obter vantagens, muitas empresas optam pela cooperação com ambientes externos, de modo que a inovação no processo empreendedor se destaca e acarreta em crescimento da empresa. A diferença entre o empreendedorismo cooperativo e outras relações comerciais está na prioridade atribuída à melhoria do desempenho empreendedor da empresa (REZAZADEH e NOBARI, 2017).

Ribeiro-Soriano e Urbano (2009 *apud* REZAZADEH e NOBARI, 2017) identificam três pontos a cerca do conceito de empreendedorismo cooperativo: 1) estratégia com foco principalmente nos processos de compartilhamento dos recursos entre os membros da cooperativa; 2) estruturação, relacionado à

capacidade dos parceiros em adaptar suas estruturas organizacionais, construindo um bom relacionamento de modo que vem a responder as mudanças ambientais; 3) a confiança, entre os indivíduos que podem facilitar a distribuição de recursos e colaborar com um relacionamento de longo prazo.

Para McDonnell, Macknight e Donnelly (2012 *apud* ZUCATTO 2015), o empreendedor cooperativo tem as seguintes características: a) compromisso em trabalhar democraticamente para o bem de todo o grupo; b) vontade de partilhar os ganhos e perdas com todos os membros da cooperativa; c) compromisso com os princípios cooperativo; e por ultimo, mas não menos importante, d) entendimento de como a cooperação agrega valor ao negocio. Aqui o foco pode ser destacado pela agregação de valor ao negócio.

Pela visão de Diaz-Foncea e Marcuello (2013 *apud* REZAZADEH e NOBARI 2017), vários fatores podem ser dados como principais características do empreendedorismo cooperativo, podendo incluir a tomada de decisões em equipe e a preocupação com a comunidade. Sendo assim, temos em evidencia a coletividade, cujo objetivo seja obter benefícios mútuos para serem compartilhados por todos os membros do empreendimento cooperativo.

Para Oliveira, Azevedo e Araújo (2014 *apud* Zucatto 2015), a organização cooperativa é formada por indivíduos que buscam o bem comum (seja na procura por benefícios, seja na solução de problemas) e precisam tomar decisões coletivamente. Assim, o empreendedorismo cooperativo demanda a capacidade de liderança coletiva, o conhecimento dos princípios cooperativista, bem como o conhecimento de mercado.

Zucatto (2015, p.97) ressalta o seguinte:

É preciso enfatizar, ainda, que apesar de as organizações cooperativas terem suas origens entre as classes mais pobres, este tipo de organização também pode ser formado por grandes produtores, como é o caso dos sojicultores, cafeicultores e produtores de cana de açúcar, que buscam usufruir de benefícios que o Estado proporciona às organizações cooperativas, como redução ou isenção em alguns tributos.

É essencial destacar que o produtor rural pode ser considerado um empreendedor, pois aloca recursos, assume riscos e incertezas de mercado. Une-se a outros empreendedores com ideias convergentes e pela intermediação de uma organização cooperativa empreendem negócios viáveis para suas propriedades, constituindo, portanto, o empreendedor cooperativo. (ZUCATTO, 2015).

Rezazadeh e Nobari (2017, p. 5) definem o “empreendedorismo cooperativo

como as práticas de uma empresa para melhorar sua capacidade empreendedora imitando o estilo empreendedor do parceiro de cooperação”.

Com base no que foi relatado sobre o termo “Empreendedorismo Cooperativo”, Zucatto e Silva (2014, p.10) ratificam o conceito pela junção das visões de alguns autores:

Ademais, Vanderlei e Gil (2006), ONU (2007), Gijssels e Van Opstal (2008), McDonnell, Macknight e Donnelly (2012) e Díaz-Foncela e Marcellino (2013) asseveram que se manifesta o empreendedorismo cooperativo quando os sujeitos buscam de maneira conjunta a solução de problemas sociais e econômicos, através de uma empresa cooperativa.

Com isso, o empreendedor cooperativo é aquele que busca resolver com outros sujeitos os problemas sociais e econômicos de determinada localidade, unido a uma empresa cooperativa, onde o trabalho em equipe é essencial.

O empreendedorismo cooperativo se evidencia por atos de pessoas possuidoras de crenças e valores coletivos, e é o alicerce para o empoderamento dos empobrecidos, ocasiona a emergência de iniciativas, de maneira associativa, para resolução dos problemas comuns aos indivíduos sócios das organizações cooperativas. Este acontecimento requer, portanto, a observação dos princípios do cooperativismo e demanda compromisso com o coletivo, propensão ao compartilhamento de riscos e recompensas. (ZUCATTO, 2015).

2.3 – O cooperativismo e a agricultura familiar:

O cooperativismo surgiu junto com a Economia Solidária, no início do capitalismo industrial. Como mostra Azambuja (2009, p.290), “a cooperativa autogestionária assume uma centralidade na construção de uma alternativa ao capitalismo, a Economia Solidária”. Para desenvolver a solidariedade não é preciso uma fórmula específica, mas sim diferentes formatos que interagem entre si, e contribuem para o desenvolvimento econômico. Assim, vemos quão importante é a Economia Solidária, numa melhor perspectiva para os trabalhadores, onde ocorre uma distribuição igualitária dos ganhos e também das perdas, o que é refletido no caso do empreendedorismo cooperativo.

Andrade e Alves (2013, p.196) relatam que, de acordo com a literatura, as cooperativas são um formato ideal de organização das atividades socioeconômicas da humanidade. Pois, unidas e cooperando, as pessoas trabalham coletivamente, na direção de um mesmo propósito para obterem a satisfação.

Segundo Pinho (2004 *apud* ANDRADE e ALVES 2013), o cooperativismo passou a existir na Inglaterra em dezembro de 1844, fundado por tecelões. Constituída por 28 cooperados, foi assim, que surgiu à primeira cooperativa no mundo, com o objetivo de sobrevivência da população, em um bairro chamado Rochdale, em Manchester, na Inglaterra, que sofria as consequências da revolução industrial, ocasião que, nesse período, foi substituída a mão de obra artesanal pela industrial.

No Brasil, o cooperativismo chegou junto com a colonização portuguesa, onde começou a existir “o processo de criação de uma cultura da cooperação”, entretanto, esse acontecimento foi logo interrompido pela escravidão (PINHO, 2004 *apud* ANDRADE e ALVES, 2013). Mas somente, a partir de 1970, a realidade do crédito rural e a agricultura mecanizada propiciaram o surgimento de cooperativas com estruturas empresariais mais sólidas e preocupadas com a composição dos dirigentes e do corpo técnico, para atender ao cooperado. (ANDRADE e ALVES, 2013).

Para Lauschner (1994, p.2):

A cooperativa agropecuária pode reunir, como associados, produtores autônomos que compram e vendem em conjunto, através da cooperativa ou produtores que formam unidades produtivas comuns, exploradas por trabalhadores familiares. Seja qual for o tipo de cooperativa, o cooperativismo é um modelo de economia solidária que procura maximizar o predomínio do fator trabalho sobre o fator capital. Isso significa que o cooperativismo é uma associação sócio-econômica de pessoas (e, em certos casos, de pequenas empresas, não caracterizadas claramente como empresas de capital com fins lucrativos) que produz bens e serviços.

Ainda para Lauschner (1994, p.3), “a união de milhares de agricultores familiares em cooperativas permite gerar economia de escala a nível local e global e condições de concorrência com os setores oligopolizados do complexo rural”. Portanto, para a atividade econômica é inquestionável o papel da agricultura familiar para o abastecimento e segurança alimentar da população mundial. (ZENARO, SCHIOCHET e GELINSKI, 2017).

Blanco (2004, p.45) relata sobre a prática da agricultura familiar no Brasil:

Alguns municípios do Brasil, principalmente, no Estado do Rio Grande do Sul estão desenvolvendo diversos empreendimentos socioculturais, a partir da prática do turismo rural em áreas onde estão estabelecidas propriedades de agricultura familiar. De fato, a associação entre o turismo e o modo de vida das famílias rurais está demonstrando que essa é uma estratégia altamente promissora para o desenvolvimento local. Potencialidades que o meio rural sempre pôde oferecer, mas foram constante subaproveitadas por falta, tanto de políticas públicas locais como pela carência de uma

mentalidade empreendedora baseada no associativismo e cooperativismo.

Esse trecho mostra especificamente que o empreendedorismo tem ligação direta com a agricultura familiar, e que é uma alternativa esperançosa para áreas rurais, geralmente tão esquecidas. Como pode ser visto, o turismo rural é uma dessas possibilidades empreendedoras, que possam vir a gerar além de renda e emprego, desenvolvimento na localidade.

Pela visão de Grisa, Gazolla e Schneider (2010 *apud* ANDRADE e ALVES, 2013), o fortalecimento da agricultura familiar decorre de um conjunto de iniciativas do Estado, como também dos próprios agricultores, visto que são atores sociais do seu próprio destino e desenvolvimento.

Diante desse contexto, visto a importância da agricultura familiar para a produção de alimentos no país, o governo federal criou algumas políticas públicas para amparar esse setor. O PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) e o PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar) são alguns exemplos de políticas públicas voltadas para a agricultura familiar, como destaca Andrade e Alves (2013).

De acordo com Rios (1989 *apud* ZENARO, SCHIOCHET e GELINSKI, 2017), a relação entre cooperativa e agricultores funciona como intermediadora entre o plantio e a comercialização, expandindo seu valor nas oportunidades de obtenção de lucros maiores para os agricultores. Isso pode ocorrer tanto no momento da instalação dos produtos da agricultura no mercado, bem como na compra de bens ou, ainda, na prestação de serviços.

Para Zenaro, Schiochet e Gelinski (2017), enquanto sistema econômico, o cooperativismo só se torna eficaz quando ocorre o envolvimento dos agentes locais. Assim, as cooperativas agropecuárias poderão desempenhar sua função social, tendo como objetivo principal, a redução da pobreza e o combate à precarização das condições de vida de seus cooperados agricultores familiares, adotando compromisso com a promoção do desenvolvimento.

3 - Procedimentos Metodológicos

Para atingir o objetivo proposto neste trabalho, inicialmente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica acerca do tema escolhido para estudo, procurando elementos que pudessem contribuir para o entendimento do Empreendedorismo Cooperativo. A partir da bibliografia consultada, foi possível identificar os indicadores que

representam os benefícios do empreendedorismo cooperativo, conforme o quadro 2.

Quadro 2. Indicadores de Benefícios do Empreendedorismo Cooperativo

Nº	Indicador	Autores
1	Capacidade de mobilizar o quadro social	Bijman e Doorneweert, 2008
2	Alocação de ativos	
3	Intercooperação	McDonnell, Macknight e Donnelly, 2012
4	Inovação aberta	Lassen et al. 2008
5	Exploração novas oportunidades externas	Diaz-Foncea e Marcuello 2013
6	Tomada efetiva de decisões	
7	Aceleração de compartilhamento de informações internas	
8	Comprometimento com o comportamento empreendedor	
9	Acesso aos principais recursos	Ribeiro-Soriano e Urbano, 2009; Buainain, 2005.
10	Flexibilidade e agilidade da estrutura organizacional	
11	Construção de confiança	Ribeiro-Soriano e Urbano, 2009
12	Capacidade de rede e comunicação pro ativa com os participantes do mercado	Blomqvist e Levy, 2006.
13	Redução dos custos obtida com a integração vertical	Sexton, 1986.
14	Garantia de mercado	Soares, 2013.
15	Aumento da capacidade produtiva	Buainain, 2005.
16	Desenvolvimento de práticas solidárias	Limberger, 1996
17	Democracia através do direito de voto	
18	Crescimento social, cultural e econômico	
19	Prática do conhecimento interior	
20	Formação da cidadania	Couvaneiro, 2004.

Fonte: Elaborada pela autora, 2019.

Cada indicador sofre uma variação entre 0 (zero) e 1 (um), sendo que 1 (um) indica maior apropriação e 0 (zero) indica menor apropriação por parte do produtor rural cooperado. A coleta de dados foi realizada com base em questionários, elaborados com perguntas de identificação e perguntas dicotômicas (relacionadas aos indicadores).

Para calcular os indicadores do Índice de Apropriação dos Benefícios do

Empreendedorismo Cooperativo (IABEC) utilizamos média aritmética, de acordo com o modelo de cálculo utilizado pelo MDA (2011). O quadro 3 apresenta as fórmulas utilizadas em cada indicador.

Quadro 3: Fórmulas de cada indicador

Indicador	Fórmula
Capacidade de mobilizar o quadro social	$CM = Q1$
Alocação de ativos	$AA = (Q2+Q3)/2$
Intercooperação	$IC = (Q4+Q5)/2$
Inovação aberta	$IA = (Q6+Q7)/2$
Exploração novas oportunidades externas	$EO = (Q8+Q9+Q10)/3$
Prática do conhecimento interior	$CI = (Q11+Q12+Q13+Q14+Q15+Q16)/6$
Tomada efetiva de decisões	$TD = (Q17+Q18)/2$
Aceleração de compartilhamento de informações internas	$II = (Q19+Q20)/2$
Comprometimento com o comportamento empreendedor	$CE = (Q21+Q22)/2$
Acesso aos principais recursos	$AR = (Q23+Q24+Q25)/3$
Flexibilidade e agilidade da estrutura organizacional	$FO = (Q26+Q27+Q28)/3$
Construção de confiança	$CC = (Q29+Q30)/2$
Capacidade de rede e comunicação pro ativa com os participantes do mercado	$CR = (Q31+Q32+Q33)/3$
Redução dos custos obtida com a integração vertical	$RC = Q34$
Garantia de mercado	$GM = Q35$
Aumento da capacidade produtiva	$CP = (Q36+Q37)/2$
Desenvolvimento de práticas solidárias	$PS = (Q38+Q39)/2$
Democracia através do direito de voto	$DV = (Q40+Q41)/2$
Crescimento social, cultural e econômico	$CS = (Q42+Q43+Q44)/3$
Formação da cidadania	$FC = Q45$

Fonte: Elaborada pela autora, 2019.

O cálculo do IABEC foi realizado a partir da média aritmética dos indicadores de apropriação dos benefícios do empreendedorismo cooperativo, de acordo com a fórmula abaixo:

$$\text{IABEC} = (CM + AA + IC + IA + EO + CI + TD + II + CE + AR + FO + CC + CR$$

+ RC + GM + CP + PS + DV + CS + FC) / 20

Em um segundo momento fez-se necessário ir à sede da COOPAFAS, situada no município de Santana do Ipanema-AL, para realizar pesquisa de campo com os cooperados, através da aplicação de questionário, com questões diretas e objetivas. Esta etapa destina-se aos agricultores familiares que fazem parte da cooperativa e usufruem dos possíveis benefícios oferecidos.

A cooperativa em questão possui um quadro de 87 sócios, calculando o tamanho da amostra, para um nível de confiança de 90%, obtemos uma amostra composta por 30 produtores cooperados. O cálculo da amostra foi realizado com o apoio da plataforma online <https://comentto.com/calculadora-amstral/>. A escolha dos 30 produtores cooperados foi feita por conveniência de tempo e proximidade.

Portanto, a abordagem metodológica será quantitativa, tendo em vista que as informações obtidas serão transformadas em dados numéricos, com a utilização de gráficos e tabelas para uma boa apresentação, e em seguida ocorrerá à análise e discussão dos dados.

4 - Análise e discussão dos dados:

Inicialmente a COOPAFAS era a Associação de Avicultores de Santana do Ipanema, fundada em 2010 a partir do Programa de Avicultura Familiar do Estado de Alagoas – PAF, com 100 associados. Cinco anos depois (em 2015), tornou-se uma cooperativa, tendo como principal objetivo a comercialização dos produtos produzidos pelas famílias. Sejam os ovos, o frango abatido e até mesmo frutas, verduras e hortaliças produzidas pelos produtores.

Atualmente o quadro de sócios é de 87 cooperados. A sede da COOPAFAS esta localizada na cidade de Santana do Ipanema, interior de Alagoas, e sua filial que também funciona como um ponto comercial também esta situada na mesma cidade.

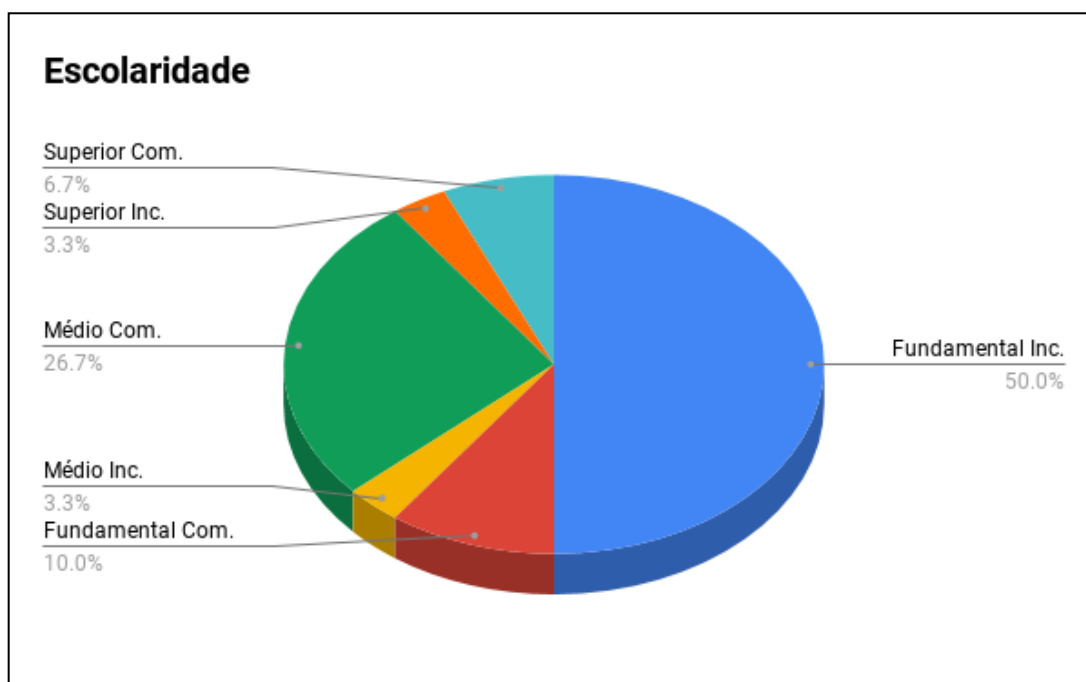
Entre os programas inclusos na cooperativa em questão para beneficiamento dos cooperados, podem-se destacar as capacitações trazidas por meio de parcerias com o SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio as Micro e Pequenas Empresas), com o intuito de enriquecer o conhecimento técnico dos agricultores familiares envolvidos, a fim de obterem-se melhores resultados na produção, e também a distribuição dos insumos (como rações e equipamentos) que facilitam a produção para os produtores.

4.1- Perfil dos produtores:

Ao analisar o perfil dos cooperados observou-se que assim como outros agricultores familiares possuem pouca escolaridade, uma média de idade elevada, e há uma predominância do sexo masculino e por aqueles que são casados.

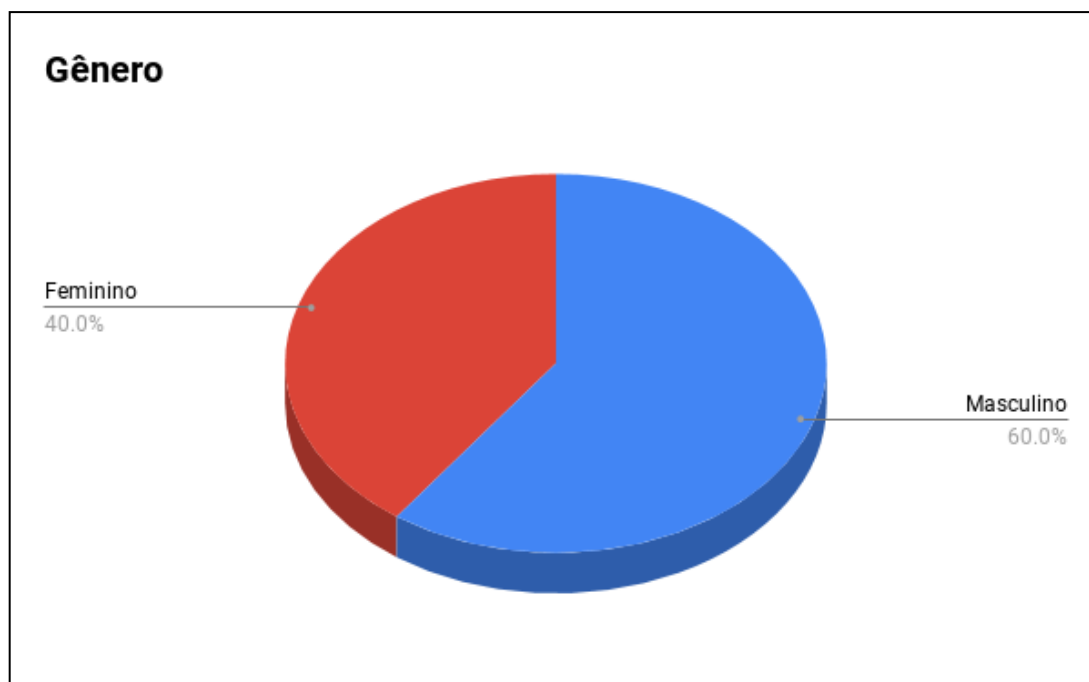
Segundo a análise do grau de escolaridade dos produtores foi possível observar que exatamente 50% dos entrevistados não concluíram o Ensino Fundamental e apenas 10% conseguiram concluir. Entre os demais, 26,7% concluíram o Ensino Médio e 3,3% que corresponde a somente um produtor não chegou a concluir. Isso mostra que a maioria dos agricultores familiares tem pouco estudo. Por outro lado, dois produtores obtiveram a graduação de nível superior, sendo um deles Zootecnista e presta assistência técnica para todos os cooperados, e um produtor tem nível superior incompleto. Esse percentual encontra-se mais detalhado no gráfico abaixo.

Gráfico 1: Escolaridade dos produtores em %.



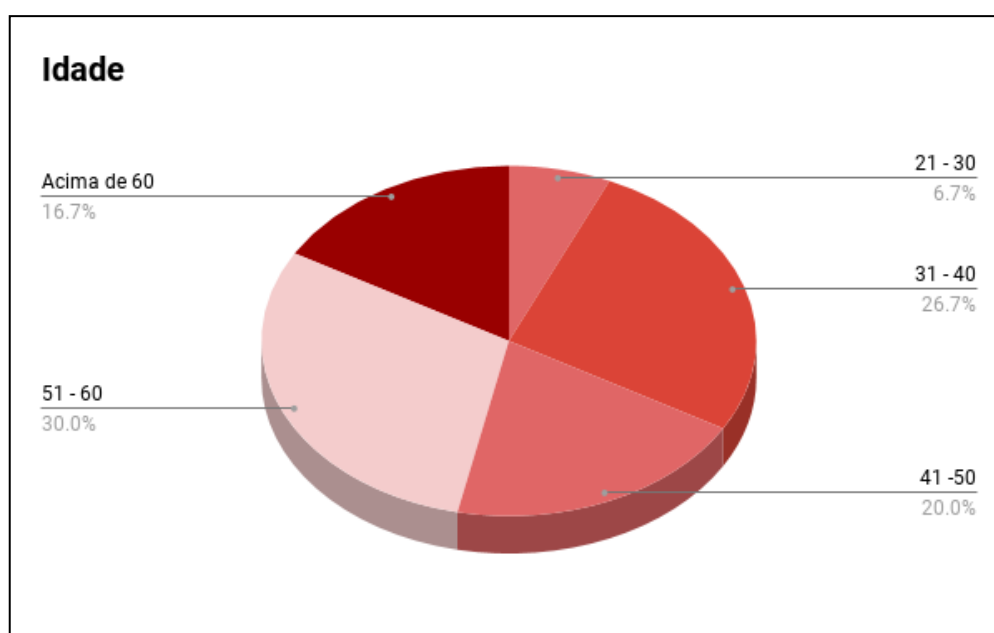
Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

No que se refere ao gênero dos produtores constatou-se que na amostra o número de cooperados do sexo masculino é maior que do sexo feminino. O gráfico abaixo precisa melhorar essas informações.

Gráfico 2: Gênero dos produtores em %.

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

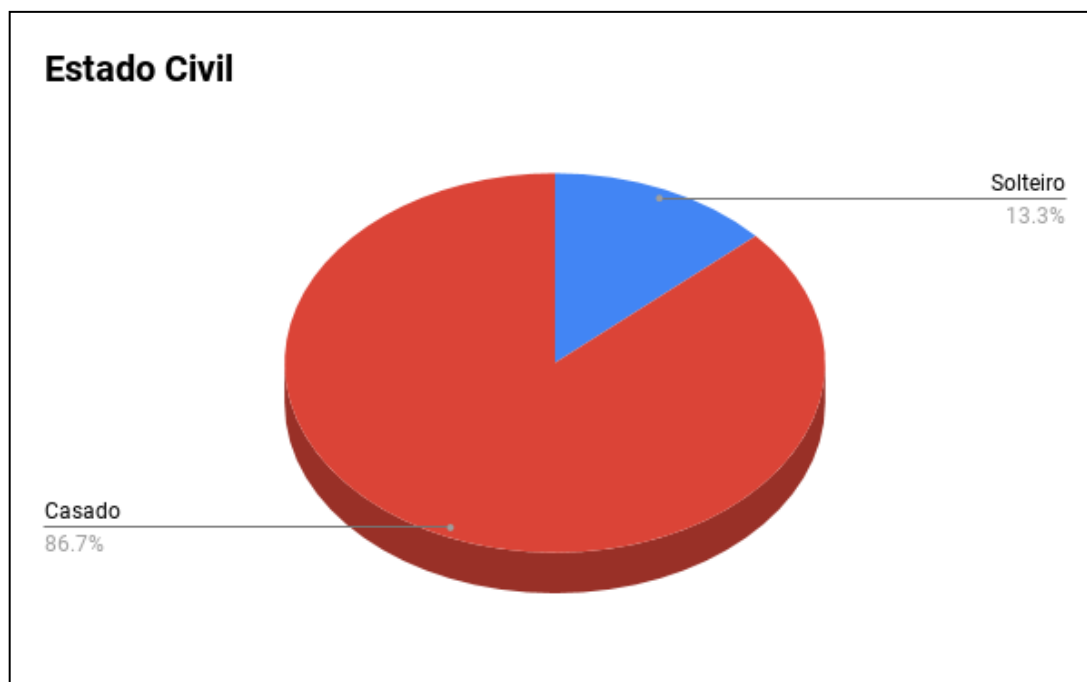
O gráfico 3 demonstra o percentual da faixa etária dos agricultores familiares entrevistados. Foi possível observar que 66,7% da amostra possuem mais de 40 anos de idade, o que é comum no meio rural, ter uma predominância da população mais velha.

Gráfico 3: Faixa etária dos produtores em %.

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Com essa pesquisa, constatou-se também que há predominância pelos casados, o que já era de se esperar, pois como vimos anteriormente, a maioria dos entrevistados ultrapassam a faixa etária dos 40 anos (geralmente as pessoas já são casadas nesta idade). O gráfico a seguir vem mostrar que apenas 13,3% dos cooperados entrevistados são solteiros, o que corresponde a apenas 04 pessoas.

Gráfico 4: Estado civil dos produtores em %.



Fonte: Elaborado pela Autora, 2019.

4.2 - Análise dos Indicadores de Apropriação dos benefícios do Empreendedorismo Cooperativo (IABEC):

Os dados sobre os benefícios do empreendedorismo cooperativo ainda são muito escassos, especialmente no Brasil. Nesta parte da pesquisa, são apresentados os dados coletados referente às questões que identificam o IABEC, que no geral foi obtida uma média muito alta, significando que os agricultores familiares da COOPAFAS estão se apropriando dos benefícios gerados através do empreendedorismo cooperativo.

A seguir encontra-se a tabela do resultado da coleta de dados, que traz três informações básicas: o número de questionário, o índice obtido e a escala individual de cada um dos 30 produtores entrevistadas. O menor valor obtido nesta avaliação foi 0,77 (produtor 30), mas ainda assim, encontra-se em escala de nível alto.

Tabela 1: Resultado dos questionários aplicados mediante o IABEC.

Nº do questionário	Índice	Escala	Nº do questionário	Índice	Escala
Q01	0,81	Muito Alto	Q16	0,84	Muito Alto
Q02	0,79	Alto	Q17	0,86	Muito Alto
Q03	0,90	Muito Alto	Q18	0,84	Muito Alto
Q04	0,87	Muito Alto	Q19	0,84	Muito Alto
Q05	0,86	Muito Alto	Q20	0,85	Muito Alto
Q06	0,86	Muito Alto	Q21	0,82	Muito Alto
Q07	0,86	Muito Alto	Q22	0,88	Muito Alto
Q08	0,84	Muito Alto	Q23	0,86	Muito Alto
Q09	0,80	Muito Alto	Q24	0,84	Muito Alto
Q10	0,88	Muito Alto	Q25	0,86	Muito Alto
Q11	0,86	Muito Alto	Q26	0,88	Muito Alto
Q12	0,89	Muito Alto	Q27	0,78	Alto
Q13	0,84	Muito Alto	Q28	0,86	Muito Alto
Q14	0,91	Muito Alto	Q29	0,78	Alto
Q15	0,82	Muito Alto	Q30	0,77	Alto
Média				0,84	Muito Alto

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Para poder classificar o índice, se fez necessário parametrizá-los da seguinte maneira:

IABEC < 0,2 – Muito Baixo

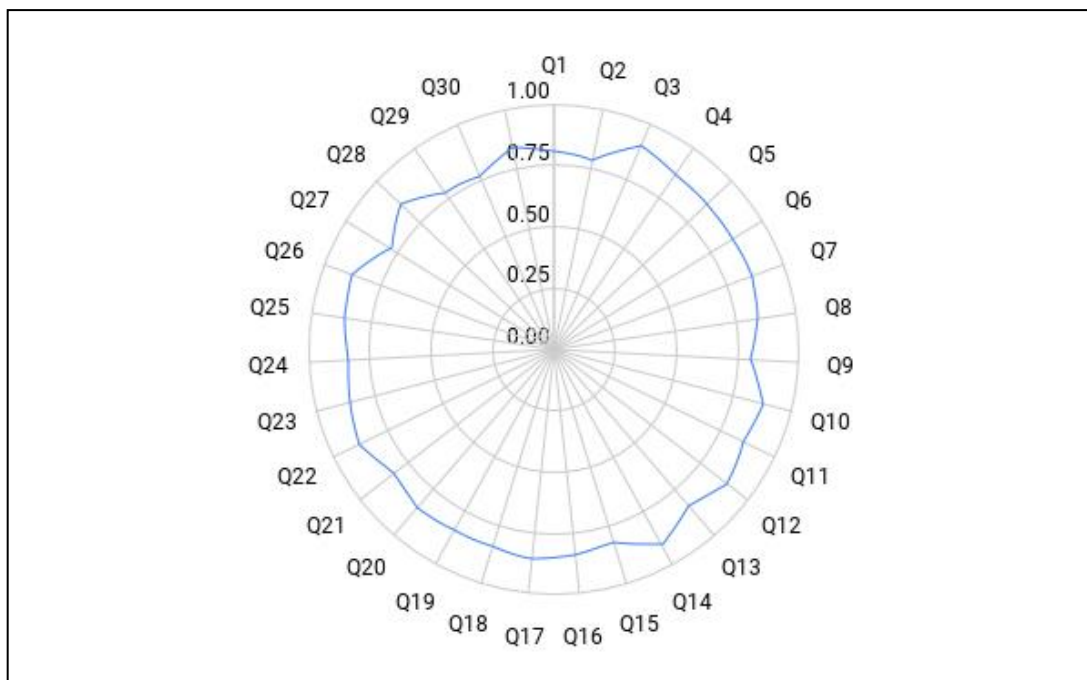
0,2 < IABEC < 0,4 – Baixo

0,4 < IABEC < 0,6 – Médio

0,6 < IABEC < 0,8 – Alto

IABEC > 0,8 – Muito Alto

Mediante os dados obtidos, foi viável a elaboração do gráfico radar abaixo, que traz um demonstrativo do IABEC de cada produtor, indicando em qual média do índice o agricultor familiar entrevistado está inserido.

Gráfico 5: Média do IABEC obtido pelos agricultores familiares

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Na tabela 2, encontram-se os intervalos de apropriação do índice. Verifica-se que apenas dois produtores estão mais próximos de obter o nível máximo de apropriação, entretanto, a grande maioria dos produtores (80%) também estão bem perto. Apenas quatro produtores, representando 13,33% da amostra têm uma média mais baixa.

Tabela 2: Distribuição dos produtores segundo o IABEC.

Intervalos do índice	Quantidade	%	% (AC)	Produtores
0,00 – 0,79	4	13,33	13,33	2, 27, 29, 30
0,80 – 0,89	24	80	93,33	1,4,5,6,7,8,9,10,11,12,13,15,16,17, 18,19,20,21,22,23,24,25,26,28
0,90 – 0,99	2	6,67	100	3, 14
Total	30	100	-	

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

4.3 - Indicadores:

Após diversas pesquisas em busca de entender quais são os benefícios do empreendedorismo cooperativo, conforme mostra o quadro 2 disponível na seção de

Procedimentos Metodológicos, por meio de estudos feitos por alguns autores foi possível chegar a vinte indicadores que pudessem medir o IABEC.

Sendo assim, os indicadores utilizados nesta pesquisa são:

- a) Capacidade de mobilizar: refere-se à capacidade da cooperativa em incentivar o quadro social a participar em diversas atividades;
- b) Alocação de ativos: este indicador mostra a capacidade dos produtores em disponibilizar seus recursos para o bem comum e dessa forma fortalecer todo o grupo;
- c) Intercooperação: a partir deste indicador é comprovado que a cooperativa serve melhor seus membros e suas famílias, quando coopera com outras cooperativas;
- d) Inovação aberta: este indicador mede o grau em que a cooperativa se encontra em inovação dos processos internos utilizando o conhecimento externo adquirido;
- e) Exploração de novas oportunidades: mostra o quanto a cooperativa explora as oportunidades disponíveis, buscando sempre o melhor para o grupo;
- f) Prática de conhecimento + capacitação: refere-se à capacidade da cooperativa em oferecer capacitações para os cooperados e o interesse em que o produtor tem em praticar de diversas maneiras os conhecimentos obtidos;
- g) Tomada de decisões: faz referência ao quanto é melhor para os produtores tomar as decisões em conjunto por meio do cooperativismo;
- h) Compartilhamento de informações: neste indicador é apresentado o grau de maior compartilhamento das informações entre os agricultores familiares que estão envolvidos em uma empresa cooperativa;
- i) Acesso aos principais recursos: mostra que o produtor tem um melhor acesso aos recursos por meio do empreendedorismo cooperativo;
- j) Flexibilidade e agilidade: este indicador mede a condição em que o produtor esta no quesito de organização/planejamento de sua produção;
- k) Construção de confiança: é referente ao nível de confiança que o produtor tem para produzir por ter o apoio de um empreendimento cooperativo;
- i) Capacidade de rede e comunicação: este indicador apresenta a capacidade do produtor em relacionar-se e comunicar-se em rede;
- m) Redução dos custos: aqui mostra a capacidade que o produtor tem em

produzir com um menor custo, exatamente por intermédio do empreendimento cooperativo;

n) Garantia de mercado: representa a garantia de mercado que os produtores têm ao vender seus produtos por fazer parte de um empreendimento cooperativo;

o) Aumento da capacidade produtiva: avalia o aumento da capacidade produtiva de cada produtor ao fazer parte do quadro de sócios de uma empresa cooperativa;

p) Práticas solidárias: este indicador mede o nível de práticas solidárias que o produtor adquiriu por mediação do empreendedorismo cooperativo;

q) Democracia: mostra que dentro do empreendedorismo cooperativo é utilizada a democracia, especialmente na questão do voto, onde os cooperados podem votar e serem votados;

r) Conhecimento social, cultural e econômico: este indicador mede o quanto os produtores cresceram socialmente, culturalmente e economicamente depois do empreendedorismo cooperativo.

s) Formação da cidadania: através deste indicador é medido o exercício da cidadania de cada produtor por intermédio do empreendedorismo cooperativo.

Entendido a referência de cada indicador fez-se viável a criação da tabela abaixo, explicitando a média obtida de cada indicador.

Tabela 3: Média dos indicadores

Indicadores	Média
Capacidade de mobilizar	1,00
Alocação de ativos	0,02
Intercooperação	0,95
Inovação aberta	0,25
Exploração de novas oportunidades	0,97
Prática de conhecimento + capacitação	0,82
Tomada de decisões	1,00
Compartilhamento de informações	1,00
Comportamento empreendedor	0,80
Acesso aos principais recursos	0,82
Flexibilidade e agilidade	0,94
Construção de confiança	1,00
Capacidade de rede e comunicação	0,82

Indicadores	Média
Redução dos custos	1,00
Garantia de mercado	0,83
Aumento da capacidade produtiva	1,00
Práticas solidárias	1,00
Democracia	1,00
Conhecimento social, cultural e econômico	0,67
Formação da cidadania	1,00
Média geral	0,84

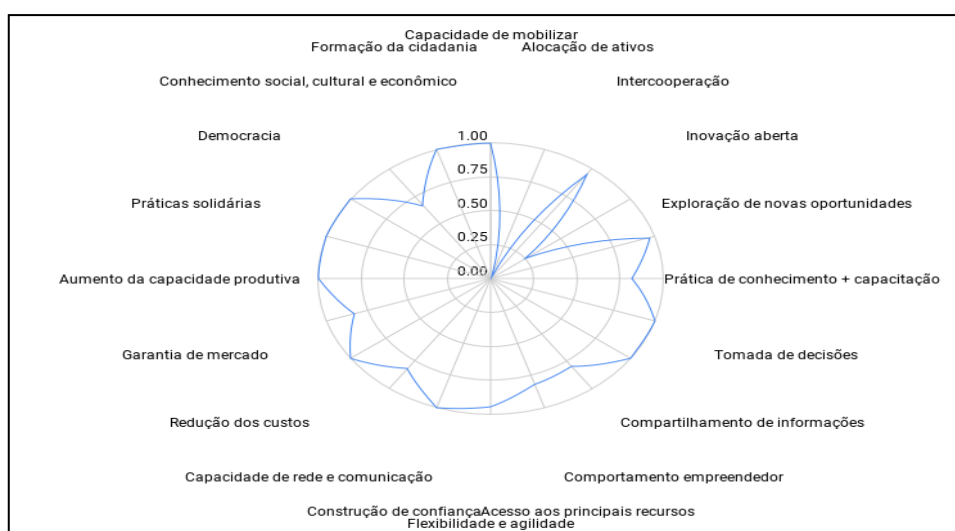
Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Nesta tabela é possível perceber que a média dos indicadores foi muito boa, alguns obtiveram 100% de aproveitamento e outros chegaram bem próximos. Porém, indicadores como Alocação de Ativos e Inovação Aberta obtiveram uma média muito baixa, mostrando assim, que são pontos a serem melhorados tanto pelos empreendedores cooperativos quanto pela própria cooperativa.

Pois, como foi visto na literatura, nesses dois indicadores os benefícios ocorrem, por exemplo, quando a alocação de ativos individuais e coletivos se alinham, e também quando os empreendedores cooperativos se envolvem em oportunidades colaborativas entre corporações para alcançar diversas atitudes empreendedoras como a inovação aberta.

Isso valida a hipótese de que o empreendedorismo cooperativo contribui para o desenvolvimento individual e do grupo, já que a média geral em escala foi considerada muito alta. O gráfico a seguir precisa melhor essas informações.

Gráfico 6: Média dos Indicadores do IABEC



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

4.4 - Relações dos índices com os fatores socioeconômicos:

O cenário a seguir mostra a relação dos índices com cada fator socioeconômico delimitado para este estudo, tais como: faixa etária, escolaridade, gênero e estado civil.

No geral o índice foi muito bom, fatores como a escolaridade contribuem para se obter um índice maior, porém, não é um impedimento para que os produtores se apropriem dos benefícios do empreendedorismo cooperativo. Os maiores índices 0,90 e 0,91 estão entre os produtores Q03 e Q14, onde ambos são do sexo masculino e casados, estão respectivamente, com a faixa etária entre 31 e 40 anos e 41 e 50 anos, e com grau de escolaridade superior incompleto e ensino médio completo.

Os quatro índices que obtiveram uma escala alta (são os menores índices dessa amostra) estão com os produtores Q02, Q27, Q29 e Q30, constituído por duas mulheres e dois homens, respectivamente. Todos são casados, os três primeiros têm entre 51 e 60 anos e ambos não concluíram o ensino fundamental, apenas o último produtor concluiu o ensino médio e esta na faixa etária entre 41 e 50 anos, a idade pode ter sido um fator que contribuiu para que o mesmo concluísse pelo menos o ensino fundamental. Todas essas informações estão mais bem detalhas nos tópicos abaixo.

4.4.1 - Índice e Faixa etária:

Para uma melhor análise dos dados foi viável separar os índices por faixa etária. O quadro a baixo compara o índice com os produtores avaliados que tem idade entre 21 e 30 anos. Apenas dois produtores estão nessa faixa etária, e ambos obtiveram uma média muito alta.

Quadro 4: Índice X Faixa Etária (idade entre 21 e 30 anos)

Questionário	Índice	Escala	Idade
Q1	0,81	Muito alto	21 - 30
Q7	0,86	Muito alto	21 - 30

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

O próximo quadro traz as informações entre o índice e os entrevistados entre 31 e 40 anos. No total de 08 produtores que se encontram nesta faixa, todos tem um índice maior que 0,8, isto é, encontra-se em média muito alta do IABEC.

Quadro 5: Índice X Faixa Etária (idade entre 31 e 40 anos)

Questionário	Índice	Escala	Idade
Q3	0,90	Muito alto	31 - 40
Q5	0,86	Muito alto	31 - 40
Q11	0,86	Muito alto	31 - 40
Q19	0,84	Muito alto	31 - 40
Q21	0,82	Muito alto	31 - 40
Q22	0,88	Muito alto	31 - 40
Q24	0,84	Muito alto	31 - 40
Q25	0,86	Muito alto	31 - 40

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Esse quadro 6, contém os índices de cada produtor que tem entre 41 e 50 anos. Apenas 01 do total de 06 agricultores familiares deste segmento esta em nível alto, enquanto os outros estão assim, como à grande maioria com média muito alta.

Quadro 6: Índice X Faixa Etária (idade entre 41 e 50 anos)

Questionário	Índice	Escala	Idade
Q30	0,77	Alto	41 - 50
Q4	0,87	Muito alto	41 - 50
Q8	0,84	Muito alto	41 - 50
Q12	0,89	Muito alto	41 - 50
Q14	0,91	Muito alto	41 - 50
Q26	0,88	Muito alto	41 - 50

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

O quadro a seguir apresenta 30% do resultado da amostra, e faz relação do índice com os produtores entre 51 e 60 anos. O mesmo vem mostrar que 03 dos entrevistados têm um índice menor que 0,8, enquanto os demais estão com índice um pouco mais elevado.

Quadro 7: Índice X Faixa Etária (entre 51 e 60 anos)

Questionário	Índice	Escala	Idade
Q2	0,79	Alto	51 - 60
Q27	0,78	Alto	51 - 60
Q29	0,78	Alto	51 - 60
Q6	0,86	Muito alto	51 - 60
Q9	0,80	Muito alto	51 - 60
Q15	0,82	Muito alto	51 - 60
Q16	0,84	Muito alto	51 - 60
Q18	0,84	Muito alto	51 - 60
Q28	0,86	Muito alto	51 - 60

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

O próximo quadro apresenta a idade mais elevada do nosso estudo, que são os entrevistados que tem acima de 60 anos. São 05 no total, representando 16,67% da amostra, e todos estão com o nível muito alto.

Quadro 8: Índice X Faixa Etária (acima de 60 anos)

Questionário	Índice	Escala	Idade
Q10	0,88	Muito alto	Acima de 60
Q13	0,84	Muito alto	Acima de 60
Q17	0,86	Muito alto	Acima de 60
Q20	0,85	Muito alto	Acima de 60
Q23	0,86	Muito alto	Acima de 60

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

4.4.2 - Índice e Estado Civil

Entre os entrevistados só foi possível identificar produtores solteiros e casados, entretanto, a maior parte é composta por casados. O quadro a baixo representa 13,33% da amostra total, e mostra também que todos estão com índice maior que 0,8.

Quadro 9: Índice X Estado Civil (Solteiros)

Questionário	Índice	Escala	Estado Civil
Q13	0,84	Muito alto	Solteiros
Q18	0,84	Muito alto	Solteiros
Q21	0,82	Muito alto	Solteiros
Q25	0,86	Muito alto	Solteiros

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Abaixo, encontra-se o quadro com a relação entre o índice e os produtores que são casados. Entre eles, 15,38% possuem escala alta do IABEC e a maioria muito alta. A média geral desse grupo é a mesma que a média geral de toda a amostra, 0,84.

Quadro 10: Índice X Estado Civil (Casados)

Questionário	Índice	Escala	Estado Civil
Q1	0,81	Muito alto	Casados
Q2	0,79	Alto	Casados
Q3	0,90	Muito alto	Casados
Q4	0,87	Muito alto	Casados
Q5	0,86	Muito alto	Casados
Q6	0,86	Muito alto	Casados
Q7	0,86	Muito alto	Casados
Q8	0,84	Muito alto	Casados
Q9	0,80	Muito alto	Casados
Q10	0,88	Muito alto	Casados
Q11	0,86	Muito alto	Casados
Q12	0,89	Muito alto	Casados
Q14	0,91	Muito alto	Casados
Q15	0,82	Muito alto	Casados
Q16	0,84	Muito alto	Casados
Q17	0,86	Muito alto	Casados
Q19	0,84	Muito alto	Casados
Q20	0,85	Muito alto	Casados
Q22	0,88	Muito alto	Casados
Q23	0,86	Muito alto	Casados
Q24	0,84	Muito alto	Casados
Q26	0,88	Muito alto	Casados
Q27	0,78	Alto	Casados
Q28	0,86	Muito alto	Casados
Q29	0,78	Alto	Casados
Q30	0,77	Alto	Casados

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

4.4.3 - Índice e Escolaridade

O terceiro ponto escolhido para análise foi relacionado ao grau de escolaridade de cada produtor. Assim, como a grande maioria dos agricultores

familiares, essa pesquisa identificou um baixo nível de escolaridade, onde metade da amostra mal conseguiu concluir o ensino fundamental.

O quadro abaixo faz a comparação entre o índice obtido pelos produtores que tem o ensino fundamental incompleto. É possível perceber que 03 dos 04 produtores que obtiveram um índice menor que 0,8 estão nessa relação, porém, a pouca escolaridade não foi motivo para que os produtores não se apropriassem dos benefícios gerados pelo empreendedorismo cooperativo.

Quadro 11: Índice X Escolaridade (Fundamental Incompleto)

Questionário	Índice	Escala	Escolaridade
Q2	0,79	Alto	Fundamental Incompleto
Q4	0,87	Muito alto	Fundamental Incompleto
Q6	0,86	Muito alto	Fundamental Incompleto
Q9	0,80	Muito alto	Fundamental Incompleto
Q10	0,88	Muito alto	Fundamental Incompleto
Q13	0,84	Muito alto	Fundamental Incompleto
Q15	0,82	Muito alto	Fundamental Incompleto
Q16	0,84	Muito alto	Fundamental Incompleto
Q17	0,86	Muito alto	Fundamental Incompleto
Q18	0,84	Muito alto	Fundamental Incompleto
Q20	0,85	Muito alto	Fundamental Incompleto
Q23	0,86	Muito alto	Fundamental Incompleto
Q27	0,78	Alto	Fundamental Incompleto
Q28	0,86	Muito alto	Fundamental Incompleto
Q29	0,78	Alto	Fundamental Incompleto

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

A análise feita mostra que 10%, ou seja, 03 entrevistados, concluíram o ensino fundamental, sendo que dois deles tem um índice maior que 0,8 e apenas um menor que 0,8.

Quadro 12: Índice X Escolaridade (Fundamental Completo)

Questionário	Índice	Escala	Escolaridade
Q8	0,84	Muito alto	Fundamental Completo
Q26	0,88	Muito alto	Fundamental Completo
Q30	0,77	Alto	Fundamental Completo

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

O quadro 13 mostra um comparativo com os entrevistados que não

concluíram o ensino médio e o índice. Apenas um agricultor familiar não concluiu, e obteve um índice de 0,86, maior que a média geral da amostra.

Quadro 13 : Índice X Escolaridade (Médio Incompleto)

Questionário	Índice	Escala	Escolaridade
Q5	0,86	Muito alto	Médio Incompleto

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Abaixo, encontra-se a relação do índice com os produtores que concluíram o ensino médio. Esse quadro comprova que 26,67% entrevistados conseguiram concluir. O índice obtido por eles foi muito alto, todos acima de 0,8, e o produtor que respondeu ao questionário 14 obteve o maior índice dessa amostra, que foi 0,91.

Quadro 14: Índice X Escolaridade (Médio Completo)

Questionário	Índice	Escala	Escolaridade
Q1	0,81	Muito alto	Médio Completo
Q7	0,86	Muito alto	Médio Completo
Q11	0,86	Muito alto	Médio Completo
Q14	0,91	Muito alto	Médio Completo
Q19	0,84	Muito alto	Médio Completo
Q21	0,82	Muito alto	Médio Completo
Q24	0,84	Muito alto	Médio Completo
Q25	0,86	Muito alto	Médio Completo

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Apenas 01 produtor tem nível superior incompleto, obtendo assim, um índice muito alto (0,90). Isso mostra que quanto maior o interesse em buscar conhecimento melhor acontece à apropriação dos benefícios gerados pelo empreendedorismo cooperativo. É o que está mostrando o quadro abaixo.

Quadro 15: Índice X Escolaridade (Superior Incompleto)

Questionário	Índice	Escala	Escolaridade
Q3	0,90	Muito alto	Superior Incompleto

Fonte: Autora, 2019.

Apenas dois entrevistados fazem parte do comparativo com os produtores que tem o grau de ensino superior completo e o índice. Ambos obtiveram um IABEC muito alto. Isso é perceptível no quadro abaixo.

Quadro 16: Índice X Escolaridade (Superior Completo)

Questionário	Índice	Escala	Escolaridade
Q12	0,89	Muito alto	Superior Completo
Q22	0,88	Muito alto	Superior Completo

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

4.4.4 - Índice e Gênero

Diante da análise dos gêneros, foi possível identificar que 60% dos entrevistados são homens, somando assim, um total de 18 produtores, desse número apenas 02 possui um índice de escala alto, enquanto todos os outros estão em escala muito alta. Os maiores índices obtidos no geral (0,90 e 0,91) estão entre esse gênero. E isso é muito bom, pois mostra que eles estão usufruindo dos benefícios. Essas informações estão mais bem detalhadas no próximo quadro.

Quadro 17: Índice X Gênero (Masculino)

Questionário	Índice	Escala	Gênero
Q3	0,90	Muito alto	Masculino
Q5	0,86	Muito alto	Masculino
Q7	0,86	Muito alto	Masculino
Q9	0,80	Muito alto	Masculino
Q10	0,88	Muito alto	Masculino
Q12	0,89	Muito alto	Masculino
Q14	0,91	Muito alto	Masculino
Q15	0,82	Muito alto	Masculino
Q16	0,84	Muito alto	Masculino
Q17	0,86	Muito alto	Masculino
Q18	0,84	Muito alto	Masculino
Q20	0,85	Muito alto	Masculino
Q21	0,82	Muito alto	Masculino
Q23	0,86	Muito alto	Masculino
Q24	0,84	Muito alto	Masculino
Q26	0,88	Muito alto	Masculino
Q29	0,78	Alto	Masculino
Q30	0,77	Alto	Masculino

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

O quadro abaixo mostra que 40% dos entrevistados foram mulheres, o maior índice obtido entre elas foi de 0,87 (Q4) e o menor foi 0,78 (Q27). Assim, como os

homens apenas duas obtiveram um IABEC alto enquanto todas as outras estão com uma média muito alta.

Quadro 18: Índice X Gênero (Feminino)

Questionário	Índice	Escala	Gênero
Q1	0,81	Muito alto	Feminino
Q2	0,79	Alto	Feminino
Q4	0,87	Muito alto	Feminino
Q6	0,86	Muito alto	Feminino
Q8	0,84	Muito alto	Feminino
Q11	0,86	Muito alto	Feminino
Q13	0,84	Muito alto	Feminino
Q19	0,84	Muito alto	Feminino
Q22	0,88	Muito alto	Feminino
Q25	0,86	Muito alto	Feminino
Q27	0,78	Alto	Feminino
Q28	0,86	Muito alto	Feminino

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

5. Considerações Finais

No decorrer desse trabalho buscou-se debater acerca do termo “empreendedorismo cooperativo” e seus benefícios para os indivíduos envolvidos. Identificar quais são esses benefícios não foi tão simples, tendo em vista que existem poucos estudos que tratam desse assunto, porém, após algumas pesquisas, os trabalhos encontrados contribuíram bastante para a formação dos indicadores que puderam mensurar o IABEC.

Este estudo procurou compreender como os integrantes da COOPAFAS estão se apropriando dos benefícios gerados pelo empreendedorismo cooperativo. Ao fazer a pesquisa de campo, por meio da aplicação do questionário, parte do processo que demandou uma quantidade maior de tempo, foi possível identificar que os produtores estão de fato, usufruindo desses benefícios.

No geral, como mostra a tabela 1 na seção anterior, o índice obtido por cada produtor foi muito bom. Fatores como: escolaridade, estado civil, gênero e idade não são barreiras que impeçam os produtores de aproveitarem esses benefícios gerados após o ingresso na empresa de face cooperativa.

Quanto ao aproveitamento total por parte dos produtores acerca de cada

indicador, pode-se afirmar que 09 dos 20 indicadores obtiveram média máxima. Com isso, pode-se dizer que, a capacidade que a cooperativa em questão tem de mobilizar o quadro social, tomar decisões efetivas, compartilhar informações com uma maior rapidez, construir uma relação de confiança, reduzir os custos de produção, aumentar a capacidade produtiva de cada agricultor familiar envolvido, praticar a solidariedade, utilizar de democracia e contribuir para a formação da cidadania de cada empreendedor cooperado, são características básicas da mesma.

Essas práticas se alinham as visões de teóricos trabalhados no referencial teórico, especialmente as de, Bijman e Doorneweert (2008 *apud* ZUCATTO, 2015); Diaz-Foncea e Marcuello (2013 *apud* REZAZADEH e NOBARI, 2017); Ribeiro-Soriano e Urbano (2009 *apud* REZAZADEH e NOBARI, 2017); Sexton (1986 *apud* SOARES, 2013); Buainain e Souza Filho (2005 *apud* SOARES, 2013); Limberger (1996 *apud* SOARES, 2013); e Couvaneiro (2004 *apud* SOARES, 2013).

Como já foi dito no decorrer desta pesquisa, a cooperação é uma maneira mais fácil/prática de empreender, trabalhar em conjunto almejando sempre o melhor para todos, de fato possibilita em ótimos resultados. Esta afirmação ficou explícita após o contato com os cooperados, e ao analisar os resultados, confirmando assim o que indicou a literatura estudada.

Tratar disto em um setor tão admirável como o da agricultura é de extrema importância, sendo este um cenário geralmente esquecido, onde os projetos criados pelo Governo Federal (e outros) a fim de amenizar a situação da pobreza nem sempre chegam para todos e quando chegam não é suficiente. O empreendedorismo cooperativo oferece fortalecimento entre os mais pobres, gerando renda para as famílias abrangidas, contribuindo assim, para a diminuição da pobreza e também para o desenvolvimento da localidade, atingindo dessa forma, o crescimento social, cultural e econômico.

Dessa maneira, se aperfeiçoará a apropriação de todos os benefícios ocasionados pelo empreendedorismo cooperativo. Vale ressaltar, que outras linhas de pensamento podem ser estudadas mediante estas contribuições, pois como foi visto, muitos são os benefícios que o empreendedorismo cooperativo traz para a sociedade, ou seja, ainda há muito conteúdo a ser estudado e debatido.

Por fim, este estudo desenvolvido serve como um incentivo para que mais pesquisadores possam dar destaque a esse termo e contribuam para o crescimento do conteúdo acadêmico. Aos gestores de empresas cooperativas

dialogarem com seus sócios sobre este assunto, pois, por ser um termo pouco trabalhado até o momento atual, muitas vezes os produtores nem se dão conta que estão envolvidos com o empreendedorismo cooperativo, e o quanto isso contribui para o crescimento de cada um e do grupo, sentem a diferença, mas não associam a esse fato.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M.c.; ALVES, D.c.. Cooperativismo e Agricultura Familiar: Um Estudo de Caso. Revista de Administração Imed, [s.l.], v. 3, n. 3, p.194-208, 30 dez. 2013. Complexo de Ensino Superior Meridional S.A.. <http://dx.doi.org/10.18256/2237-7956/raimed.v3n3p194-208>.

AZAMBUJA, Lucas Rodrigues. Os Valores da Economia Solidária. Sistema de Informação Científica Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto. Porto Alegre, n. 21, p.282-317, jan/jun 2009.

BAGGIO, Adelar Francisco; BAGGIO, Daniel Knebel. Empreendedorismo: Conceitos e definições. **Revista de empreendedorismo, inovação e tecnologia**, v. 1, n. 1, p. 25-38, 2015.

BLANCO, Enrique Sergio. O turismo rural em áreas de agricultura familiar: as "novas ruralidades" e a sustentabilidade do desenvolvimento local. Caderno Virtual de Turismo. v. 4, n. 3, p.44-49, 2004. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115417707007>>. Acesso em: 12 out. 2018.

BLOG COMENTO: PESQUISA DE MERCADO. **Calculadora amostral**. 2018. Disponível em: <<https://comento.com/calculadora-amostral/>>. Acesso em: 26 abr. 2019.

DORNELAS, José Carlos Assis. Empreendedorismo: Transformando idéias em negócios. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier Editora Ltda., 2008.

LAUSCHNER, Roque. COOPERATIVISMO E AGRICULTURA FAMILIAR. 1994. Disponível em: <<http://www.mobilizadores.org.br/wp-content/uploads/2014/05/cooper-e-agric-familiar.pdf>>. Acesso em: 30 jan. 2019.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO (MDA). Secretaria de Desenvolvimento Territorial. Sistema de Gestão Estratégica. Documento de referência 2010. [s.d.]. Disponível em: <http://sge.mda.gov.br/sge/doc/SGE_documento_referencia.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2019.

REZAZADEH, Arash; NOBARI, Niloofar. Antecedents and consequences of cooperative entrepreneurship: a conceptual model and empirical investigation. International Entrepreneurship Management Journal. 09 ago. 2017.

SOARES, Lidiany dos Santos. **Percepção dos cooperados quanto aos benefícios**

obtidos através do cooperativismo no sul de Minas Gerais. 2013. 71 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sistemas de Produção na Agropecuária, Universidade José do Rosário Vellano - Unifenas, Alfenas - MG, 2013.

SOUZA, Eda Castro Lucas de. Empreendedorismo: da gênese à contemporaneidade In: EGEPE – ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE EMPREENDEDORISMO E GESTÃO DE PEQUENAS EMPRESAS. 4. 2005, Curitiba, Anais... Curitiba, 2005, p. 134-146.

VALE, Gláucia Maria Vasconcellos. Documentos e debates: Empreendedor: Origens, Concepções Teóricas, Dispersão e Integração. Anpad, Rio de Janeiro, v. 18, n. 6, p.875-891, nov./dez. 2014.

VERGA, Everton; SILVA, Luiz Fernando Soares da. Empreendedorismo: evolução histórica, definições e abordagens. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 3, n. 3, p. 3-30, 2014.

ZENARO, Marcelo; SCHIOCHET, Valmor; GELINSKI JUNIOR, Eduardo. Cooperativismo como alternativa de fortalecimento da agricultura familiar: a cooperativa de pequenos agricultores de videira e iomerê (COPAVIDI). Unoesc & Ciência - Acsa Joaçaba, Joaçaba, v. 8, n. 1, p.33-40, jan./jun. 2017.

ZUCATTO, Luis Carlos. Empreendedorismo Cooperativo e Intercooperação na produção de energia elétrica e alimentos: evidências do cooperativismo de eletrificação rural gaúcho. 2015. 283 f. Tese (Doutorado) - Curso de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

ZUCATTO, Luis Carlos; SILVA, Tania Nunes da. Empreendedorismo Cooperativo: Evidências a Partir dos Estudos Historiográficos de Duas Cooperativas de Eletrificação Rural do RS. XXXVIII Encontro da Anpad, Rio de Janeiro, p.1-16, set. 2014.

ZUINI, Priscila. **Os 9 tipos de empreendedores mais comuns no Brasil.** Do informal ao franqueado, veja os perfis mais encontrados no empreendedorismo brasileiro. Revista Exame, 25 mar. 2014.

APÊNDICE A – Questionário
QUESTIONÁRIO SOBRE OS BENEFÍCIOS
DO EMPREENDEDORISMO COOPERATIVO

Questionário Nº _____.

Nome do cooperado: _____.

Idade: _____

Gênero: () Masculino () Feminino

Estado civil:

() Solteiro () Casado () Viúvo () Separado / Divorciado

Escolaridade:

() Fundamental Incompleto

() Técnico Completo

() Fundamental Completo

() Superior Incompleto

() Médio Incompleto

() Superior Completo

() Médio Completo

() Pós-graduação Incompleta

() Técnico Incompleto

() Pós-graduação Completa

Local da Propriedade (bairro / povoado / distrito): _____.

1.1 - A cooperativa têm incentivado a participação dos cooperados em atividades?

() Sim () Não

2.1 - Você disponibiliza máquinas e equipamentos para ajudar outros cooperados?

() Sim () Não

2.2 - Você disponibiliza parte de sua propriedade para ajudar outros cooperados?

() Sim () Não

3.1 - Você tem contato com cooperados de outras cooperativas? () Sim () Não

3.2 - Você troca idéias com cooperados de outras cooperativas sobre produção e comercialização? () Sim () Não

4.1 - Você conhece as pesquisas que são feitas para melhorar a produção de aves?

() Sim () Não

4.2 - Você desenvolve, junto com outras instituições, pesquisas sobre a melhoria na produção de ovos? () Sim () Não

- 5.1 - A cooperativa busca vender seus produtos para outras cidades? () Sim () Não
- 5.2 - A cooperativa incentiva a produção de outros animais que não sejam aves?
() Sim () Não
- 5.3 - A cooperativa incentiva a produção de grãos? () Sim () Não
- 6.1 - Você disponibiliza parte de seu tempo para ajudar outros cooperados? () Sim
() Não
- 6.2 - Você conhece os problemas que os outros produtores enfrentam? () Sim
() Não
- 6.3 - Você sabe se os outros produtores usam as mesmas técnicas de manejo que
você? () Sim () Não
- 6.4 - Você participa das capacitações promovidas pela cooperativa? () Sim () Não
- 6.5 - Você aprendeu coisas novas para ajudar na produção, por meio da
cooperativa? () Sim () Não
- 6.6 - Você coloca em prática o que aprendeu nas capacitações trazidas pela
cooperativa? () Sim () Não
- 7.1 - Através da cooperativa as tomadas de decisões se tornaram mais fáceis de ser
efetuadas? () Sim () Não
- 7.2 - Você acha que tomar decisões em conjunto é melhor que individualmente?
() Sim () Não
- 8.1 - Você percebe que através da cooperativa as informações/notícias são
compartilhadas entre os cooperados com maior rapidez? () Sim () Não
- 8.2 - Os conhecimentos compartilhados melhoram a sua produção? () Sim () Não
- 9.1 - Através da cooperativa, você se sente mais comprometido na produção e
venda de seus produtos? () Sim () Não
- 9.2 - Antes da cooperativa, você já produzia e comercializava os mesmos produtos
que os produzidos e comercializados atualmente? () Sim () Não
- 10.1 - A cooperativa disponibiliza os recursos necessários para sua produção, como
rações e equipamentos? () Sim () Não
- 10.2 - Com o lucro obtido nas vendas, você realiza algum outro tipo de produção
além de aves? () Sim () Não
- 10.3 - A cooperativa oferece outras alternativas de produção? () Sim () Não
- 11.1 - Você tem algum tipo de planejamento da produção? () Sim () Não
- 11.2 - Se sim, esse planejamento é feito diariamente, semanalmente, mensalmente,
semestralmente ou anualmente? _____

- 11.3 - A cooperativa compartilha algum tipo de roteiro/plano para os cooperados seguirem e poderem obter uma melhor organização da sua produção? Sim Não
- 12.1 - Você sente mais confiança em produzir e comercializar por ser cooperado e ter apoio da cooperativa? Sim Não
- 12.2 - Você percebe que seus produtos são mais aceitos no mercado por ter vínculo com a cooperativa, do que seriam se comercializasse separadamente? Sim Não
- 13.1 - Você tem contato com os compradores da sua produção? Sim Não
- 13.2 - Você procura saber se os seus produtos são bem aceitos pelos consumidores? Sim Não
- 13.3 - Você sabe como funciona as vendas da sua produção? Sim Não
- 14.1 - Através da cooperativa você consegue produzir com um menor custo? Sim Não
- 15.1 - O fato de estar vinculado a uma cooperativa é garantia que toda a sua produção seja vendida? Sim Não
- 16.1 - A cooperativa incentiva o aumento da sua produção? Sim Não
- 16.2 - Através da cooperativa foi possível aumentar a sua capacidade produtiva, podendo gerar renda para você e sua família? Sim Não
- 17.1 - Através da cooperativa você percebeu que ajudar o próximo é importante? Sim Não
- 17.2 - Com a cooperativa foi possível ajudar uns aos outros e juntos conseguirem melhores condições de vida para todos os cooperados envolvidos? Sim Não
- 18.1 - Você participa das eleições através do voto? Sim Não
- 18.2 - Você participa das decisões tomadas pelos diretores da cooperativa? Sim Não
- 19.1 - A cooperativa promove eventos culturais, como comemorações anuais, roda de viola e outros? Sim Não
- 19.2 - A cooperativa promove cursos, palestras, treinamento, roda de conversas, que contribuem para o seu crescimento pessoal e profissional? Sim Não
- 19.3 - Você percebe que o cooperativismo contribuiu para o crescimento econômico da sua região? Sim Não
- 20.1 - Ser agricultor familiar cooperado lhe ofereceu um melhor espaço diante da sociedade? Sim Não